

JORNAL: Journal do Brasil LOCAL: Quonabara

DATA: 19/04/1970 AUTOR: Walmir Ayala

TÍTULO: Arte de Computadores

ASSUNTO: Ivan e os computadores

ARTES NA SEMANA / WALMIR AYALA

## ARTE DE COMPUTADORES

Amanhã às 19 horas, a Galeria do Instituto Brasil-Estados Unidos (Copacabana, 690, sobreloja) estará inaugurando uma pequena mostra relâmpago de arte feita por computadores. Trata-se de 12 quadros de artistas americanos, elaborados na California Computer Inc. e três quadros de artistas brasileiros feitos na USP. Os artistas americanos são Anders Krogvig, J. A. Elenbaas, R. S. Gainers, William F. McGill, Steve H. German, Peter Milojevuc, Gordon Hines, W. W. Poplarnek, e dois quadros da equipe da CalComp. No Brasil a palavra e a obra estão, por enquanto, com Valdemar Cordeiro, que pretende dentro em breve "mandar pelo telex uma exposição para a Europa." Os artistas americanos têm estranhamente nomes de robôs. Quanto a Valdemar Cordeiro conhecemos e a sua respeitável inteligência.

Não há que objetar contra o direito de pesquisas desta natureza, mas o perigo está em condicionar a vida e a criação artística a comportamentos de natureza tão obsessivamente tecnológica. Poderíamos dizer que o computador de Valdemar Cordeiro é acadêmico, a julgar pelas reproduções de suas obras feitas em homenagem ao dia dos namorados. Se é assim, para que meter o computador nisto? Por outro lado conhecemos o exercício técnico de artistas tão depurados, feitos em tão matemático despojamento, que dariam lição a qualquer computador. Cito, de saída, Eduardo Sued (vão ver a exposição na Galeria Prisma) e Ivã Serpa. Estamos de acordo em que o estágio do pincel pode ser substituído por outros instrumentos. Dissemos "pode ser." Mas a redução de tudo ao simples acionamento de um motor, e a atitude de não mais suportar nada que não venha e provenha da engrenagem lubrificada de uma terrível máquina de calcular é que é um absurdo. Como curiosidade, e como estágio de pesquisa, esta exposição de arte feita por computador tem validade. Mas a inumanidade que prega, o nivelamento da invenção a um puro efeito tecnológico, a alienação do homem diante de seu próprio projeto é que é alarmante. Não podemos deixar que a máquina nos substitua e hipnotize, do contrário seremos logo comandados e condenados por ela. A não ser que o computador de repente apareça com cartola de mágico e dê uma lição aos programadores.

### Tapeçaria

Continuando seu programa de vernissages dominicais, a Galeria

Gead inaugura hoje uma mostra de tapetes de Lísia Aurvale Caldas. A experiência de tapeçaria vivida por Lísia suscita uma reflexão sobre a origem mesma deste artesanato, e as novas propostas de sua evolução. Da documentação decorativa de ambientes, o tapete viveu um longo e sereno curso. Vimos ultimamente transposições de grandes pintores para a tapeçaria, na Bienal de São Paulo. Não se pode dizer que os pintores mais geniais resultassem nos melhores tapetes, muito pelo contrário. Estas transposições careciam de sinceridade instrumental. Eram cópias através de uma linguagem nem sempre adequada, e as obras-primas da pintura resultavam de repente mediocres. Sabemos de um movimento agressivo e revolucionário dentro do tapete contemporâneo. Tapetes que de repente assumem organismos quase animais, que tangenciam a escultura, que se afastam das paredes e dos assoalhos, que se desventram, franjam, ásperos, antibelos, selvagens.

No Brasil, pouca coisa de novo neste sentido tem sido feito. Lembremos Nicola, Douchez, Zorávia Betiol. De resto, tirando a pesquisa de ponto brasileiro encetada por Madeleine Colaço, o que se vê é a tapeçaria francamente decorativa, vegetal, embrionária, tropicalista, sem maiores compromissos. Por isso nos surpreende o trabalho de Lísia. Ela assumiu neste gênero de enfeitar paredes da moda uma posição de contestação. Suas formas não nascem para agradar, nascem de um sentimento dramático da vida, em cores às vezes soturnas, não se comunicam facilmente com o espectador, transgridem a passividade, estimulam a testemunhar um tumulto interior que a artista resolve neste paciente afã de tecelã. Perguntamos o que pretende esta moça com tapetes de formas que repudiam a simetria, a florada, a côr gritante e logo sugestiva? Em vez de um papagaio, uma árvore noturna, onde a sabedoria vem num rasgo de flama, sinal votivo de um recolhimento místico. E as abstrações, indecisas aparições do sonho, que Lísia transmite sem trair, sem estilizar, sem adaptar à forma conveniente de uma amenidade. Talvez inspirada na tradição do artesanato manual feminino, Lísia tenha chegado ao exercício do tapete. Mas chegou com sua alma intata e compungida, com um sentimento vivo do instante que passa. Este depoimento é que dá um tom diferente a esta mostra de tapetes. Nota-se a necessidade de um aperfeiçoamento técnico. E este aperfeiçoamento chegará, a par do esclarecimento espiritual da ar-



Leda e o Cisne — quadro de Jan Woroniecki — Galeria Visconti

tista, a um estágio de equilíbrio entre forma e conteúdo. De qualquer maneira nota-se que Lísia não se está distraíndo ao tecer esta história — está comprometida com o tempo interior de seu fabulário, rodando no seu sonho, obstinada em sua viagem. Passou o tempo dos pontos perfeitos, agora são as unhas que ericam os idílios da lã.

Enderêço da Galeria: Siqueira Campos, 18-A, Copacabana. Vernissage às 18 horas.

### Woroniecki na Visconti

A Sala Visconti, anexa ao restaurante Vivará (Av. Afrânio de Melo Franco, 300, Leblon — ao lado do Teatro Casa Grande), inaugura amanhã, às 21 horas, uma exposição de pintura do polonês Jan Woroniecki. O artista vive há muitos anos no Brasil e tem-se mantido à margem, embora ativo, na elaboração paciente de uma linguagem pictórica de surpreendente vigor. Adoecido muitas vezes pela tentação de parecer um clássico, o que se poderia notar em alguns retratos seus, antigos e felizmente repudiados nesta mostra, Woroniecki é dotado de um forte temperamento plástico, que se manifesta de preferência no sensualismo de um mundo que ele adaptou, com raízes européias e o primitivis-

mo telúrico do Brasil. Sua côr tem pouco a ver com a nossa luz, mas a dinâmica de sua figura é visceralmente calcada na liberdade expansiva do nosso povo, numa espécie de carnaval de rua, onde os personagens da mitologia passam arrastando tamancos e capas de papel higiênico. Há um ar de deboche nos deuses eróticos de Woroniecki, e uma unidade no desdobramento dos temas, uma paixão da matéria da pintura, equivalente à paixão pela matéria das fábulas. Diz muito bem Francisco Bittencourt, seu apresentador, num depoimento especial que nos deu sobre o artista:

"Seus Apolos são a negação da beleza clássica, com canelas tão grossas como as de um cavalo percerão. As *Parcas* ou sua imagem da *Volúpia* lembram exatamente aquela velha geração de *polacas* que dirigiam casas de tolerância nas imediações da Praça Onze. O *Olimpo* é uma verdadeira zona tropical, com deuses afogueados e ridículos. A côr é barrenta e grossa, mas a imaginação deste pintor é a de um verdadeiro desmistificador de mitos."

### Antonino

O restaurante Antonino abre amanhã sua galeria de arte, na so-

breloja, com uma exposição de quadros e móveis de Renato Sá. Vernissage às 21 horas.

### A arte tipográfica

Até 30 de maio próximo, estão abertas as inscrições para os trabalhos concorrentes ao concurso de artes gráficas, promovido pela revista americana *A Arte Tipográfica*. Aos melhores trabalhos de arte gráfica, inscritos por *ateliers* latino-americanos, espanhóis e portugueses serão conferidos vários prêmios; um de 250 dólares, 20 de 50 dólares e 10 diplomas de menção honrosa. Os trabalhos podem ser anúncio de uma página a cores, revistas e folhetos impressos com ilustrações a cores, cartazes ou livros com ilustrações policromas. Os trabalhos devem ser enviados juntamente com um formulário. O enderêço para remessa dos trabalhos e pedido de formulários: El Arte Tipográfico, Certamen de Impresión Creadora, 134 North 13th Street, Philadelphia, Pennsylvania 19.107. EUA. O trabalho deve ter sido realizado dentro do próprio país do concorrente, entre 1.º de abril de 1969 e 30 de maio de 1970, e seu texto deve ser em espanhol ou português.

### Viagem

Dia 22 estaremos viajando para a Europa em missão cultural do Ministério das Relações Exteriores (Milão e Veneza) e para uma visita oficial à Alemanha (Francforte, Munique, Berlim, Hamburgo e Colônia). Ficará respondendo por nossa coluna, interinamente, o poeta Francisco Bittencourt, ex-diretor artístico da Galeria Celina.

### Da capo

Voltando ao primeiro assunto transcrevemos aqui um parágrafo do artigo *Linguagem e Cálculo*, do professor Gerd Bornheim, do Rio Grande do Sul, estabelecendo um paralelo entre a linguagem humana e a linguagem do computador: "A linguagem é primeira, o cálculo segundo; a linguagem é natural, o cálculo artificial; a linguagem é humana, o cálculo científico; a linguagem é necessária à condição humana como tal, o cálculo se tornou necessário como produto cultural; o homem é linguagem, o cálculo não passa de um instrumento; a linguagem é originariamente "poesia", o cálculo é originariamente técnica."

SB 19-4-70